



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Tecnológico
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Disciplina de Idéia, método e linguagem

“TRABALHO DA DISCIPLINA:”
UM ESTUDO DE IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Discente:
Arq. Marcos Marques Duarte

Docente:
Sonia Afonso, Dra

Florianópolis, Agosto de 2002

Sumário.

1. Introdução.....	03
2. Idéia: <i>a concepção do projeto arquitetônico</i>	05
3. Método: <i>um processo de projeto</i>	08
4. Linguagem: <i>a expressão da arquitetura</i>	11
5. A experiência profissional relacionada ao tema.....	12
6. A experiência pessoal.....	14
7. Bibliografia.....	15

1. Introdução.

A execução do projeto arquitetônico requer do projetista dois importantes momentos criativos: um, o de formular a idéia básica do edifício, e outro, de desenvolver essa idéia até obter o projeto.

Nossas experiências e idéias tendem a ser comuns, mas não profundas, ou profundas mas não comuns. Temos negligenciado o dom de compreender as coisas através de nossos sentidos. O conceito está divorciado do que se percebe, e o pensamento se move entre abstrações. Nossos olhos foram reduzidos a instrumentos para identificar e para medir; daí sofremos de uma carência de idéias exprimíveis em imagens e de uma incapacidade de descobrir simbolicamente significado no que vemos.

O mero contato com as obras não é o suficiente. Pessoas em demasia visitam museus e colecionam livros em geral, sem conseguir acesso à mesma. A capacidade inata para entender através dos olhos está adormecida e deve ser despertada, e a melhor maneira é manusear o lápis e outras ferramentas talvez mais eficazes. Mas também neste âmbito, maus hábitos e conceitos errôneos costumam bloquear o caminho daquele que trabalha sem orientação. Na maioria das vezes a evidência visual ajuda-o com mais eficácia apontando seus pontos fracos ou apresentando-lhe bons exemplos. Os seres humanos têm excelentes razões para se comunicar através das palavras, talvez isso também seja verdade no campo das artes. Pode-se afirmar, antes de tudo, que é impossível comunicar as coisas visuais através da linguagem verbal.

Admita-se o resultado de seu esforço como sendo um objeto ou desempenho exclusivamente particular. Quando olhamos uma obra de arquitetura, aproximando-nos de um mundo novo, e penetra-lo significa receber um clima especial e o caráter de suas luzes e sombras e a atitude face à vida pelo arquiteto comunicada – recebe-lo através da mediação de nossos sentidos e sensações. Palavras podem e devem esperar até que a nossa mente deduza, da unicidade da experiência, generalidades que podem ser captadas por nossos sentidos, conceitualizadas e rotuladas. Acontece, com certa frequência, vermos e sentirmos certas qualidades numa obra de arquitetura sem poder expressá-las com palavras, ora por falta de experiência, ora por tamanha beleza e significado. A razão de nosso fracasso não está no fato de se usar uma linguagem, mas sim porque não se conseguiu ainda fundir essas qualidades percebidas em categorias adequadas.

A linguagem não pode executar a tarefa diretamente porque não é via direta para o contato sensorial com a realidade; serve apenas para nomear o que vemos, ouvimos e pensamos. De algum modo é um veículo estranho, inadequado para coisas perceptivas; ao

contrário, refere-se apenas a experiências perceptivas. Estas experiências, contudo, antes de receberem um nome, devem ser codificadas por análise perceptiva.

É evidente a importância desta visão para a teoria e a prática das artes, em especial a arquitetura. Não se pode mais considerar o trabalho de um arquiteto como uma atividade independente, misteriosamente inspirada do alto, sem relação e sem possibilidades de relacionar-se com os problemas sociais e culturais de uma determinada época da história.

Pelo contrário reconhecemos como elevada à observação que leva à criação de grandes obras como um produto da atividade visual mais humilde e mais comum, baseada na vida diária. Assim como a procura prosaica de informação é artística porque envolve o ato de dar e de encontrar forma e significado, também a concepção do arquiteto é um instrumento de vida, uma maneira refinada de entender a época da história em que estamos.

Se alguém quiser entender uma obra de arquitetura, deve antes de tudo encará-la como um todo. O que acontece? Qual é a dinâmica das formas e das cores? Antes de identificarmos qualquer um dos elementos acima, a composição total faz uma afirmação que não podemos desprezar. Procuramos um assunto, uma idéia, uma chave com a qual tudo se relacione. Guiado com segurança pela estrutura total, tentamos então reconhecer as características principais e explorar seu domínio sobre detalhes dependentes, aparentes em sua forma ou não. Gradativamente, toda a riqueza da obra se revela e toma forma, e, à medida que a percebemos corretamente, começa a engajar todas as forças da mente em sua mensagem arquitetônica, seja ela no âmbito da ciência e técnica, ou ainda na importância cultural e social de um determinado lugar, e ou a realização do sonho de um cliente em ver seu ambiente, com formas e espaço físicos bem definidos.

Portanto, podemos dizer que a arquitetura, basicamente é demonstrada de maneira espontânea, através da forma; forma das coisas, dos materiais, do conjunto como um todo, e porque não dizer, da forma da idéia, do método e da linguagem e esta é a fórmula tão boa quanto qualquer outra para mostrar a distinção entre; configuração, figura, aspecto e forma. Porém a forma é determinada não apenas pelas propriedades físicas do material, mas também pelo estilo de representação de uma cultura ou de um arquiteto individual. Com facilidade descobrimos e aceitamos o fato de um objeto visual representar no papel uma figura completamente diferente da natureza, desde que nos seja apresentado em seu equivalente estrutural para o meio dado. A razão psicológica deste fenômeno é que a semelhança baseia-se na correspondência das características estruturais essenciais, uma mente pura entende espontaneamente qualquer objeto dado conforme as leis do seu contexto, isto se torna mais visível no campo das artes visuais mais intensas; tais como: pintura e escultura, como por exemplo podemos descrever facilmente que a arquitetura pode ter significados diferenciados entre sua representação e execução.

Descreveremos resumidamente no decorrer deste trabalho, como se processa a idéia, o método e a linguagem, tanto no campo das artes arquitetônicas de projeto, como também na psicologia humana. Definindo cada um dos itens acima citados, e descrevendo como eles intercedem na criação da obra e no seu criador, como estas características se formam e se transformam através do arquiteto, resultando em obras de arquitetura fantásticas, que por muitas vezes nos recusamos a enxergar que tais elementos estão presentes. Para um iniciante, um arquiteto jovem, estas características se tornam mais evidentes no campo teórico do que no prático, porém relatarei um pouco da minha experiência universitária e profissional, através das considerações a respeito do tema proposto pela disciplina “Idéia, método e linguagem”, resultando neste trabalho conclusivo.

2. Idéia: a concepção do projeto arquitetônico.

Segundo o dicionário Aurélio (2001): idéia é a representação mental de coisa concreta ou abstrata. Projeto, plano. Criação. Opinião, conceito. Mente, pensamento. Lembrança. A idéia está ligada diretamente a imaginação. A imaginação não é, de modo algum, primordialmente a invenção de tema novo e nem mesmo a produção de qualquer tipo de forma nova. A imaginação artística pode ser descrita de modo mais apropriado como a descoberta de uma nova forma para um conteúdo velho, ou – se não se quer usar a cômoda dicotomia entre forma e conteúdo – como um novo conceito de um velho assunto ou tema proposto.

Na arquitetura a idéia está diretamente ligada a uma adoção de um partido, portanto é verdadeiro dizermos que o partido, na arquitetura, é compreendido como a idéia preliminar do edifício projetado. Este partido deverá conter as informações que ensinam o modo, ou maneira, de como percorrer o caminho que leva ao ato de projetar. Com essa ótica, dá-se ênfase ao **método** de projetar, porque acredito ser mais importante ao arquiteto iniciante, aprender o modo projetado, do que aprender a fazer projetos arquitetônicos específicos. Mais tarde estudaremos método, é evidente que cada projetista experiente na prática de elaborar projeto arquitetônico desenvolve um método especial e pessoal de projetar, uma enquête entre eles (*para a disciplina foram feitas entrevistas*), revelaria, com certeza, uma variedade de métodos sendo praticados, inclusive o sem-método. Na realidade não existe método que seja melhor ou pior que outro, qualquer método que leve o arquiteto ao objetivo acredito ser útil e válido.

Admitamos como verdadeiros, dois conceitos importantes. O primeiro é o de que projetar seria o ato de idealizar algo a ser feito. E o segundo é o de que o projeto seja o

documento demonstrativo desse algo idealizado. Aplicaremos esses conceitos à arquitetura, projetar na ótica arquitetônica significa idealizar o edifício a ser construído. E o projeto representa o documento explicativo do que deve ser o edifício projetado. O projeto é, portanto, o produto do ato de projetar. Esse documento: o projeto, compõe-se de um conjunto de plantas, contendo os desenhos do edifício. Podemos assim dizer que o desenho é a **linguagem** própria para explicar o projeto arquitetônico.

De certa forma, estes conceitos podem distinguir-se, conforme a maneira como os abordamos, ao falarmos em concepção de projeto, estes caracteres se manifestam de uma maneira um pouco particular, diferente do que se observado pelo lado da linguagem arquitetônica, melhor dizendo a criação e concepção se misturam em certos momentos trazendo uma linguagem da linguagem arquitetônica de projeto. É importante ressaltar que a idéia no projeto arquitetônico é, na essência, o ato de criação que nasce na mente do projetista. É fruto da imaginação criadora, da sensibilidade do autor, de sua percepção e intuição próprias, é o resultado do pensamento, sendo assim, constituindo em algo de difícil controle, interferência e ordenamento. Entretanto projetar em arquitetura é, sem dúvida, ato criativo da síntese, resultado do processo de mentalização no qual se conjugam variáveis previamente estudadas para obter-se o resultado final desejado. Este está inserido no processo de planejamento arquitetônico, que começa numa primeira etapa, a indutiva, a de conduzir o pensamento, desde o ponto inicial, até a segunda etapa; a criativa, quando a mente desencadeia o processo de síntese, passando assim à terceira etapa, que é a evolução da idéia, que é ao mesmo tempo criativa e indutiva.

Conforme descrito acima é conveniente afirmarmos que estes conceitos de idéia, método e linguagem aparecem totalmente interligados e relacionados entre si. Ainda mais se estudarmos em particular, certos arquitetos que utilizam elementos arquitetônicos característicos para compor suas obras; tais como: a luz, o espaço, as circulações, a simbologia histórica, ou até mesmo estes elementos misturados, definindo assim um estudo específico das funções.

Podemos observar que, não existe entretanto, uma definição precisa deste processo criador, pois, conceitualmente as idéias podem ser analisadas e organizadas em termos de lógica enquanto produtos do pensamento ou da imaginação, através de estudos sobre as normas de raciocínio. Mas ao definir idéia como a representação mental de um objeto real ou pensado, esta adquire substância: tornando-se imagem, seguindo uma lógica visual, diferente da lógica do pensamento abstrato, bem abordado no livro *Arte e Percepção visual* (R. Arnheim, 1997). O pensamento do arquiteto alimenta-se basicamente de conhecimentos visuais, icônicos, portanto fisicamente identificáveis; uma espécie de registro mnemônico do qual é extraído o objeto pensado.

Assim a criação, portanto é a revelação da idéia através da imagem, esta surge e se torna imagem através de um processo mental complexo, no qual intervém todo o

conhecimento do homem, porém qual é a história, que intervém no processo de formação de nossas idéias, que nos torna aptos a interpretar esses conceitos adquiridos durante nossa formação pessoal e profissional? Arriscaria a dizer que a formação pessoal é ainda mais importante, pois nos dá condições de aplicarmos o aprendizado profissional. Seria uma história centrada em torno da cultura arquitetônica em geral, desvinculada do tempo. Podemos assim separar várias correntes, que ao longo do tempo se identificaram em torno de Idéias e traçar muitas histórias da arquitetura, teremos assim um classicismo, um romantismo, um expressionismo e assim por diante.

Centrar o pensamento arquitetônico em torno de conceitos ideológicos ligados às suas manifestações históricas é uma procura voltada para a identidade conceitual que está atrás da concepção formal, assim; o arquiteto não pode fugir de seu papel cultural diante da inexorabilidade do processo histórico no qual se insere. O arquiteto adquire esta conscientização crítica através de sua formação, ao longo dos anos acadêmicos e no decorrer de sua vida profissional, de forma subliminar ou categórica, mas sempre presente na trajetória de sua produção. A explicitação formal da concepção arquitetônica é, portanto sempre acionada por uma idéia.

Porém a idéia, antecedendo ainda na questão do método arquitetônico, é essencial para o projetista é saber como transformar as idéias em projeto. Este ato é denominado “adoção do partido”, que é, em síntese, o trabalho de processar as informações básicas, imaginar a idéia preliminar do projeto e expressá-la numa forma perceptível através do desenho (Laert, 1989). A adoção do partido pode nascer de uma idéia dominante, e ou, não apenas de uma idéia, mas de um sem-número de idéias viáveis sobre a concepção do edifício, as quais aparecem na mente do projetista e exigem dele um processo metodológico, de avaliação crítica, destinada a racionalizar sua mente para a escolha da idéia de partido mais acertada para o tema proposto, é conveniente utilizar um método de adoção capaz de permitir um ordenamento das idéias, a fim de facilitar a tomada de decisões de projeto e obter a síntese arquitetônica desejada.

Na prática, a síntese arquitetônica, configurada na adoção do partido, pode ocorrer quando se combinam as informações básicas: tais como; decisões conceituais referentes ao tema, o programa arquitetônico, às relações do programa e o pré-dimensionamento, às idéias geradoras do processo de seleção das idéias. Neste processo o arquiteto há de combinar diferentes linhas do pensamento, embora essas linhas pertençam ao mesmo quadro de referências da síntese, tais como: as decisões de projeto; as idéias dominantes, as idéias geradas nos planos verticais e horizontais e finalmente, o ajuste tridimensional das idéias.

Também ressaltamos aqui a importância da idéia da forma, a idéia da forma do edifício é tratada, não como uma interpretação filosófica do conceito de forma, nem da percepção subjetiva dos valores de ordem estética, mas como um aspecto no qual o projetista deve tomar a decisão de ordem prática. É importante salientar que a idéia básica

da forma do edifício pode preceder qualquer outra idéia da adoção do partido, muitos projetos de edifícios são concebidos assim. Nesse caso, a decisão sobre a forma torna-se idéia dominante na concepção do partido e precede e condiciona todas as demais idéias envolvidas no partido e as demais decisões de projeto.

Visto, uma vez que a idéia pode formar um partido arquitetônico, é prudente afirmarmos que existe um método para a análise das idéias, bem como para organizá-las, para que posteriormente estas se transformem em concepção de projeto. Desta maneira, uma idéia inicial pode determinar uma arquitetura baseada em precedentes bem definidos pelo arquiteto, tais como elementos característicos de projeto, podendo caracterizar uma época, ou ainda mesmo um estilo arquitetônico. Porém, convém salientar que este método pode ou não determinar um partido arquitetônico, caracterizando assim uma intervenção no projeto final.

3. Método: um processo de projeto.

Método é o caminho pelo qual se chega a certo resultado. Processo ou técnica de ensino. Modo de proceder. Meio, tratado elementar. O método visa basicamente servir de referencial de análise e diretriz de procedimento na ordem das idéias, na manipulação das variáveis de projeto, para que o arquiteto possa utilizá-las simultaneamente na atitude de síntese arquitetônica, sendo assim o método, principalmente para o jovem arquiteto, é importante para auxiliá-lo a percorrer o caminho que o leve a idealizar o projeto arquitetônico.

Desta forma, o contato das idéias com a temática, requer um tipo de análise metodológica que obedece a uma ordem específica para cada caso. Os recursos que dispomos para estas análises são relativos a conhecimentos específicos que intervêm cada um com um determinado peso: depende de nosso arbítrio estabelecer uma ordem de prioridades dos fatores intervenientes. Este fato confere um caráter subjetivo às decisões decorrentes das mais rigorosas metodologias: por isso não existem dois projetos iguais (Gasperini, 1988), por mais idênticos que sejam as metodologias aplicadas, as soluções ou sínteses operadas pelos arquitetos são atos pessoais que refletem uma análise subjetiva dos fatores intervenientes.

Não existe, portanto um método generalizado para a explicação dos conceitos arquitetônicos, existe várias metodologias cada uma marcada pela personalidade do arquiteto. O único recurso metodológico que é constante no processo transferência da idéia para o plano da realização é o projeto (Gasperini, 1988), porém o projeto é um ato

metodológico complexo porque envolve procedimentos de transformação de conceitos mentais para a sua representação, na maioria das vezes simplesmente gráficas. Sendo o arquiteto icônico, a passagem para a linguagem gráfica requer um processo de transformação da idéia de três dimensões para duas dimensões, com a utilização da informática estamos avançando, mas ainda estamos muito aquém das metas ideais que nos permitiram transferir diretamente a idéia mental para uma representação tridimensional.

Além de o método ser um processo de projeto, este pode tornar-se uma técnica. Projeto é ordem, um sistema de projetos que organiza e entrelaça vários objetos numa estrutura expressa por várias unidades entre si relacionadas, constitui num meio para ordenar o espaço: forma um plano. Por outro lado, o projeto adquire um caráter de autonomia, porque corresponde a uma precisa função produtiva que se destina à realização de uma obra. O projeto adquire principalmente autonomia pelo seu meio de expressão e representação dentro do denso conteúdo técnico e formal que possui um alto grau de comunicação e de significado. Pela forma tradicionalmente gráfica de sua explicitação através de desenhos, o projeto possui um método de representação próprio que é o registro do pensamento a respeito do objeto que se quer realizar.

O desenho é, portanto, um método caracterizado, próprio da arquitetura que se constitui em documento para avaliar sua eficiência e seu significado. A teoria intelectualista afirma que os desenhos, bem como outra arte em estágios iniciais, derivam-se de uma fonte não visual, isto é, de conceitos pessoais e abstrativos. O termo abstrato tem como objetivo definir o conhecimento não perceptivo. Mas deve-se perguntar em que outro domínio da atividade mental pode um conceito permanecer se for banido do âmbito das imagens?

Pode-se expressar o mesmo fato mais exatamente dizendo que a feitura de imagens de qualquer tipo requer o uso de conceitos representativos. Os conceitos representativos proporcionam o equivalente, em meio particular, dos conceitos visuais que se quer representar, e encontram sua manifestação externa no trabalho do lápis, ou mesmo do computador, como método de criação de projeto. O olho e a mão são o pai e a mãe da atividade artística. Desenhar e modelar os tipos de comportamento humano, pode supor o desenvolvimento de dois tipos mais antigos e gerais de tal comportamento, dividindo-se em movimento expressivo e descritivo.

Além de ser expressivo, o movimento é também descritivo. A espontaneidade de ação é controlada pela intenção de imitar propriedades de ações ou objetos. Os gestos descritivos usam as mãos, freqüentemente sustentadas pelo corpo todo, para mostrar como alguma coisa é, foi ou poderia ser grande ou pequena, rápida ou lenta, distante ou próxima. A linha visualmente mais simples é a reta, tanto que é a primeira forma concebida pela mente. Isto é um tanto obscuro pelo fato de que para o braço e para a mão, que devem executar as linhas na prática, a linha reta é sem dúvida a mais simples. A linha reta é uma

invenção do sentido da visão humana sob o mandato do princípio da simplicidade. É característica das formas feitas pelo homem.

A geometria nos diz que três dimensões são suficientes para descrever a forma de qualquer sólido e as localizações dos objetos em relação mútua a qualquer momento dado. Se for necessário considerar também as mudanças de forma e localização, deve-se acrescentar a dimensão do tempo às três dimensões do espaço. Pode-se dizer psicologicamente que, embora nos movimentemos livremente no espaço e tempo desde o início da consciência, a captação ativa que o arquiteto faz destas dimensões desenvolve-se gradualmente, de acordo com o projeto arquitetônico.

Deve ter ficado, um pouco mais claro agora, que todos os efeitos de profundidade na experiência visual devem ser criados pelo sistema nervoso e pela mente. Isto se torna particularmente evidente quando se trata de imagens bidimensionais, mas é também verdade quando se olha os objetos ou imagens no espaço físico. Cabe ainda destacar que o projeto aparece como algo a um passo da arquitetura e, portanto, um experimento elaborado a nível mental e da representação, mas não ao nível do mundo material, passivo de avaliação e modificações.

O livro “*Adoção do partido na arquitetura*” (Laert, 1989), revela especialmente para estudantes de arquitetura e recém formados alguns processos metodológicos para desenvolvimento de projetos de arquitetura.

A responsabilidade da organização do trabalho do arquiteto através de métodos adequados, empíricos ou científicos, recursos esses que sempre foram adotados na arquitetura, mas que no último século, como resultado da evolução da ciência e da técnica, cresceram consideravelmente em quantidade devido à complexidade dos problemas a serem resolvidos. Não é possível hoje pensar em elaborar um projeto sem antes procedermos a uma organização das tarefas a serem desenvolvidas, agrupadas segundo suas especialidades e complexidades e provável duração, de forma a podermos avaliar a disponibilidade de recursos necessários à sua realização.(Laert, 1989).

Para que ocorra tudo isto é preciso planejar o processo de trabalho: é preciso criar quase um projeto do projeto, para que cada passo seja avaliado e seja feito o acerto ou a modificação necessária durante o desenvolvimento do processo e não no seu fim, afastando-se, tanto quanto possível, a possibilidade de erros. Existe, portanto uma dualidade metodológica na atividade projetual, a linearidade e a subjetividade, o que não impede um comportamento único por parte do arquiteto diante deste processo, definido pelo rigor no controle dos passos sucessivos. Não pode existir nenhuma omissão ou arbítrio na análise dos dados, sob pena de se alterar o objetivo e, por consequência, se criar um objeto inútil ou anacrônico. Este rigor deve fazer parte da ética do profissional para que seja incorporada na sua prática cotidiana: quase uma rotina.(Laert, 1989).

Desta forma, podemos observar a importância do ensino de projeto de arquitetura nos ateliês das universidades, ou a falta dos mesmos, e isto reflete nas atividades profissionais que vimos hoje, mesmo após o novo currículo mínimo de 1994, que fez avançar a questão do ensino da arquitetura, os diversos cursos não conseguiram assumir “personalidades”: eles carecem de uma noção clara sobre quais deveriam ser os seus objetivos acadêmicos e suas idiossincrasias, e nem têm idéia do tipo de profissional que querem formar. Quanto à crise que assola o ensino de arquitetura no Brasil, segundo Vicente Del Rio (*fonte?*), ela também se manifesta na nossa própria profissão de arquiteto, seja através da fraca formação verificada em grande parte dos jovens profissionais, seja através da nossa fragilidade enquanto “corporação”. Porém o ensino de projeto e, em particular, a relação entre a criatividade e o método, são temas de importância fundamental para o pensar e o praticar a arquitetura e, necessariamente para o ensino da arquitetura como um todo.

4. Linguagem: a expressão da arquitetura.

Segundo o dicionário Aurélio (Aurélio, 2001): linguagem é o uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e de comunicação entre pessoas. A forma de expressão pela linguagem própria de um indivíduo, grupo, classe, etc. Na arquitetura, podemos definir linguagem; como a forma de expressar a idéia do espaço, através de um determinado método de projeto, normalmente esta comunicação é feita através de croquis ou plantas arquitetônicas.

Por ser um sistema, ele é arbitrário, e depende de uma determinação sem outra regra que a própria vontade. Assim temos inúmeras linguagens; cada uma emana de uma cultura, ao nível do indivíduo e ao nível de uma sociedade. Sendo arbitrária é logicamente evolutiva, sujeita a transformações e sucessivas mutações. Pela linguagem podemos identificar as várias influências, evoluções e afirmações dos indivíduos, grupos e sociedades, suas revelações e mútuas interações.

Porém com o passar dos tempos nossa linguagem arquitetônica ainda permanece idêntica àquela utilizada há tempos atrás, e, talvez em respeito aos tempos modernos, ou simplesmente pela falta de opção, ainda utilizamos tal linguagem. Para os jovens arquitetos torna-se ainda mais incompreensível esta linguagem, pois nas escolas ainda não existe uma definição precisa do que venha a ser a essência da linguagem arquitetônica de nosso tempo, com isso o jovem profissional inserido em um mercado de trabalho competitivo, vê-se em

dificuldade de buscar novas formas, adotando a linguagem comum, com plantas, croquis e perspectivas.

Para que a mensagem tenha um significado contínuo, ela precisa ter um conteúdo baseado em dois aspectos constantes: o contexto da arquitetura e a técnica. Mesmo interpretada subjetivamente pelas mudanças contextuais históricas, um conteúdo aderente a estes aspectos deverá conservar seus valores através do tempo. A técnica entra a fazer parte da manifestação arquitetônica com expressão e linguagem, e não como suporte da exteriorização do pensamento arquitetônico.

O conceito de modernidade deve ser encontrado justamente neste ato criativo que surge a partir de pensamentos, idéias e ações, nas quais a técnica é o suporte da convergência projetual. Criar sob o signo da modernidade é amar a arte e a técnica, é a procura de novas idéias pelo constante desenvolvimento do advir, que gera, nesta dinâmica, um inesgotável estímulo para o arquiteto no alinhamento do seu pensamento aos avanços tecnológicos. Por isto o arquiteto deve também se exercitar nas ciências modernas da linguagem e da comunicação para conseguir por elas, construir o modelo de nossa evolução social e compreender a crítica do presente.

A linguagem não pode executar a tarefa diretamente porque não é via direta para o contato sensorial com a realidade; serve apenas para nomear o que vemos, ouvimos e pensamos.

5. A experiência profissional relacionada ao tema.

Muito se tem discutido sobre o Ensino de Desenho nas Escolas de Arquitetura, principalmente hoje com o advento da Computação Gráfica. De início, é preciso compreender qual a importância do Desenho e a sua maneira singular de pensar, na formação e na prática específica de um arquiteto. Sempre houve, desde os primórdios da humanidade, uma dificuldade em se fazer representar uma obra de Arquitetura.

Na Babilônia, como no Egito, eram aos reis e faraós a quem se destinavam as obras de vulto, fato que impedia, a leitura e conservação dos desenhos: do que se tem conhecimento, uma forma muito rudimentar de representação. Dando um salto na História, na Renascença começaram a surgir desenhos mais próximos dos que executamos hoje, como a Perspectiva, considerada por muitos não somente uma tentativa de se representar o espaço, mas uma outra forma de se "olhar para ele" ou de "interpretá-lo"; nesta época não havia uma convenção ou norma, o que caracterizava uma ausência de uniformidade de desenho de lugar para lugar; não havia um código.

Com o advento da Revolução Industrial, houve a necessidade de repetição e, portanto, de se criar um código. O desenvolvimento da Arquitetura, particularmente com o Movimento Clássico Europeu, praticamente impôs a necessidade de um código mais universal, sendo ele desenvolvido e aos poucos se firmando como lei geral, dando origem aos sistemas que conhecemos hoje. Verifica-se, então, que a Perspectiva, enquanto código de representação de um espaço "tridimensional", vai além; mais que um código, é um ato de pensar o espaço e permite interpretá-lo antes mesmo de ser construído. Isto é instigante pois trabalha com o imaginário das pessoas a partir de regras geométricas e abstrações matemáticas, ato que mais aproxima a representação do que efetivamente se experimenta do mundo exterior pelos nossos sentidos; torna-se assim uma das formas mais práticas de se conceber um espaço, fazendo a ponte entre a idéia e o objeto a ser construído.

Nas Faculdades de Arquitetura, com o ensino da representação gráfica, a intenção é a de que, através da observação direta do espaço, o aluno possa "*calibrar*" a sua percepção, realizando uma descoberta de elementos importantes em arquitetura, como por exemplo os cheios e vazios, as sombras, as texturas, os diferentes materiais, a escala do objeto e do espaço urbano, os detalhes, as proporções, além da própria habilidade em desenhar.

Porém, acredito que o passo seguinte deve ser um debate sobre a utilização da Computação Gráfica (*considerada um tipo de simulação*) nesse processo. Esta ferramenta de trabalho que é extremamente útil, ainda que não possa ser uma atividade que substitua integralmente o ato de desenhar manualmente: este aguça mais a interpretação e a análise de um espaço, aguça de forma mais efetiva a percepção humana, bem como o traço, o "risco", o esboço, a capacidade de "sentir" algo construído ou não.

Considero que a Computação Gráfica e o traço imediatamente realizado pelas mãos devem ser considerados como ferramentas distintas de desenho, ambas abraçando faces diversas de um mesmo "pensamento icônico", de uma mesma concepção espacial. Tanto para o arquiteto como para o estudante de arquitetura, a prática do desenho, (*computadorizado ou não*) deve ser cotidiana e intensa, pois é a maneira mais apropriada e eficaz no desenvolvimento do imaginário, da percepção e na concepção de espaços para a recriação do nosso mundo vivencial.

6. A experiência pessoal.

Durante minha formação, trabalhei quatro anos em um escritório de engenharia, onde desenvolvia projetos técnicos ou de detalhamentos, nunca tive a oportunidade de acompanhar todo um projeto, pois fazia parte de uma equipe relativamente grande, onde individualmente desenvolvíamos funções do projeto completo. Porém recém formado fui em busca de emprego e minha primeira oportunidade de trabalho foi em um escritório de arquitetura, confesso que primeiramente me empolguei, mas com o passar do tempo tive decepções, pois acreditava que a arquitetura era diferente, tanto na maneira como era pensada, como também na arquitetura concreta. Principalmente porque ao integrar um escritório, estes elementos discutidos neste trabalho “idéia, método e linguagem” ficam um pouco indefinidos. Quando recebíamos um projeto ele era tratado e idealizado por um arquiteto, que mantinha relações como cliente em potencial, a partir deste momento a idéia era encaminhada a um outro profissional da área, que começava os primeiros “riscos”, sob aprovação do então arquiteto chefe. Ora por divergências, ou por ausência de ambos o arquiteto idealizador do projeto encaminhava seus croquis ao departamento de desenho, onde profissionais e principalmente os estagiários desenhavam as idéias concebidas. Porém durante este processo ambos os arquitetos opinavam, cada um tentando de maneiras diversas impor suas idéias, ficando os estagiários e responsáveis neste “fogo cruzado”, sem entender os caminhos para se fazer à arquitetura.

Tentamos por diversas vezes manter reuniões e decisões de ambos os arquitetos envolvidos, mas de nada adiantava, além do mais que o produto final (o projeto) saía do escritório com uma aprovação excelente. Conclusão: quando tentamos discutir estes elementos de arquitetura de uma forma quase individual, estes eram tratados de uma maneira diferente da idealização de um escritório ou uma fábrica de arquitetura, pois neste ultimo temos variáveis tanto profissionais quanto de mercado que influem diretamente na forma de conceber, desenvolver e apresentar um projeto de arquitetura.

Creio que não somente neste escritório que citei como experiência, mas também outros escritórios de arquitetura sofrem desta síndrome de busca por uma essência da arquitetura, e também por um processo de identidade de idéias, métodos e linguagens que unifiquem a arquitetura como um todo, vimos durante este curso à dificuldade de exemplos atuais e nacionais, isto de maneira sucinta, reflete a qualidade e nosso ensino de arquitetura atual, que é fundamental para o pensar e o praticar a arquitetura.

7. Bibliografia.

1. ARNHEIM, Rudolf. **“Arte & percepção visual”**. 12ª edição, Editora Pioneira. São Paulo, 1997.
2. CHIGIR, Margarita. **“Curso de desenho de arquitetura”**. Rio de Janeiro, Graf Tec: Gráfica Editorial, 1979.
3. GASPERINI C. Gian. **“Contexto e Tecnologia”**. O projeto como pesquisa contemporânea em arquitetura. Universidade de São Paulo. Tese de livre docência, 1988. Capítulo III.
4. JONES, Christopher J. **“Design Methods of human’s future”**. Londres, 1970.
5. MONTENEGRO, Gildo A. **“Desenho arquitetônico”**. 2 ed. São Paulo, Edgard, Nobel, 1985.
6. NEVES P. Laert. **“Adoção do partido na arquitetura”**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.
7. SILVA, Evan. **“Uma introdução ao projeto arquitetônico”**. Porto Alegre, editora da Universidade, 1984 (Livro texto, 23).